

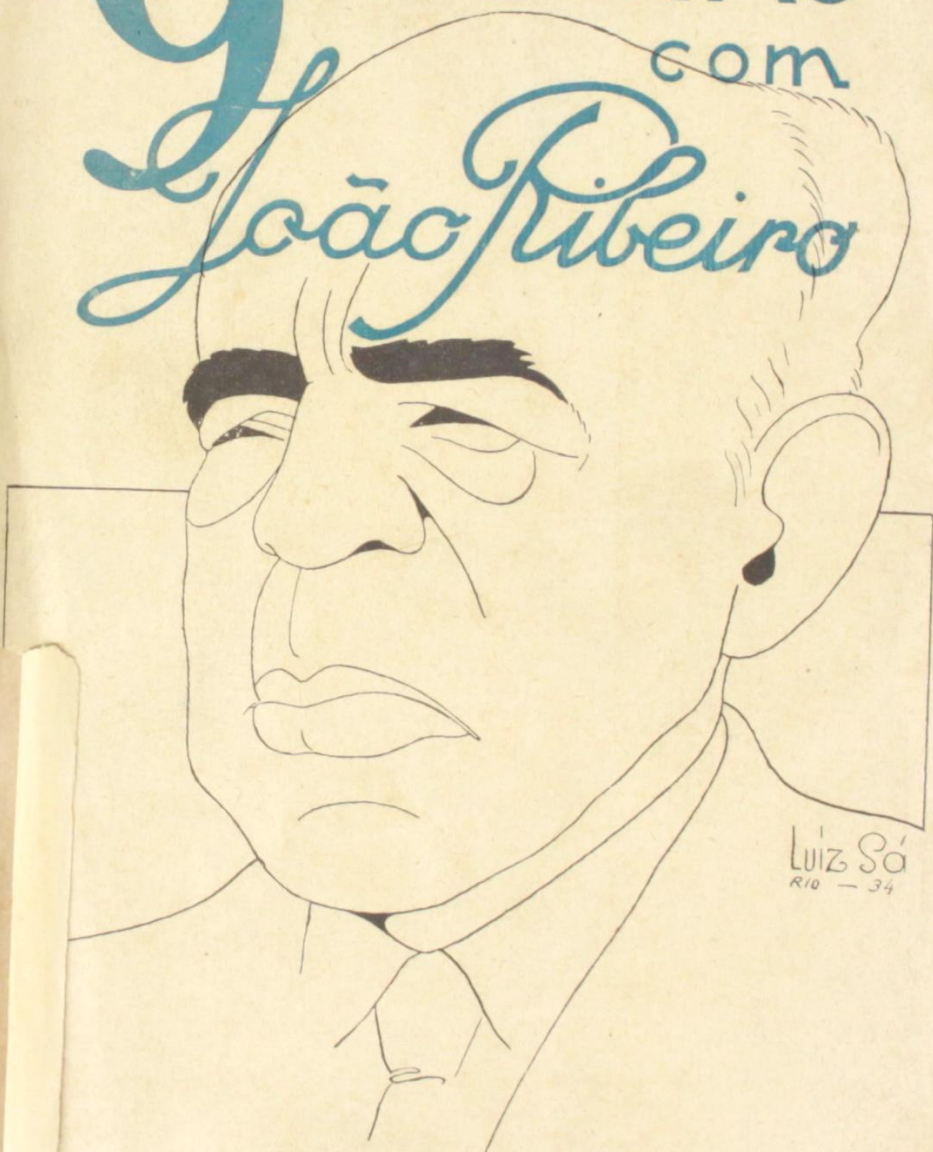
JOAQUIM RIBEIRO

Albino Oliveira

9 MIL DIAS

com

João Ribeiro



Editora RECORD

Leiam

SINHA' DONA

Romance

de

Heitor Marçal

"Romance humano, numa acepção digna de nota. O romance de Heitor Marçal apesar da sua braveza, não deixa duvida quanto aos grandes propositos que o animaram na descripção de um quadro que poucos podem comprehender, e mesmo porque o romance do norte, ainda não foi de todo escripto; ahí se encontra, entretanto, um dos grandes e ricos capitulos de uma vida natural e commum que se espalha pelas campinas seccas de um nordeste sem fim".

Assim apreciou uma senhorita o livro que MARÇAL escreveu, e a "RECORD" editou.

PREÇO 5\$000

R\$ 40,29

Binspi

ao Alberto Oliveira
homagem
ao Joaquim Figueira
Rio/9/2/994

9 MIL DIAS
— COM —
JOÃO RIBEIRO

Albino Ribeiro
Rio de Janeiro
1912/8/3/24

SII

F

ma
ta.
tor
sua
du
des
ma
un
po
me
ce
de
en
do
pi
tu
es
se
so

Deste livro imprimiu-se separadamente
20 exemplares em papel tela

Joaquim Ribeiro

9 MIL DIAS
— COM —
JOÃO RIBEIRO

Records
IMP. EDITORA

SII

F

“
ma
ta.
tor
sua
du
des
ma
un
po
me
ce
de
en
do
pi
ty
es
se
se

*Nas declarações de vontade
se atenderá mais á sua intenção
que ao sentido literal da lingua-
gem.*

Art. 85, Código Civil.

EM VEZ DE PREFACIO

Este livro não é romance. Nem biografia. Não é retrato. Nem caricatura de João Ribeiro. E' apenas um pouco de seu cepticismo voltairiano, de sua maliciosa jovialidade, de sua vida intima e anedotica, enfim de suas virtudes defeituosas e de seus defeitos virtuosos. . .

E' livro despido de intenção encomiastá. Nem cabe, aqui, losangos para inscrever elogios, que ficarão melhor subentendidos na seriedade dos juizos alheios. X

E' antes de tudo, um livro de alegria e de bom humor, a unica herança paterna, que se infiltrou no meu espirito.

Eu creio que o meu adoravel Mestre e pai me perdoará. Irreverencias e indiscreções não são pecados e, se o fossem, con-

taria desde já com a indulgencia temporã. Foi com ele que aprendi a ser irreverente e indiscreto.

Afinal de contas, neste vale de lágrimas, só venero um Papa: o modelador de minha carne e do meu caráter.

Ora, se fui transgressor de dogmas e preconceitos, meu pai, que é catedrático na escola de sacrilegios como o Phidias de Maurras, não me negará a indulgencia desejada e quanto desejada, merecida.

Ha alias, no fundo destas paginas intimas, o fogo sagrado de uma admiração insopitavel.

Como ele, posso dizer:

— Prefiro a lição dos humoristas á da historia, porque difficilmente delectreio as coisas graves e sou por natural melancolia inclinado ás joviais anedotas...

E ainda como ele repetir:

— Nada expressa melhor os individuos que as suas pequenas frases, os seus defeitos e predileções menos graves.

Nesta recolta de anedotas e episodios intimos está, talvez, o maior elogio á sua personalidade.

Este livro fi-lo sem o sentir. Ou antes fe-lo meu pai sem o escrever.

As notas se aglomeraram e me veio a vaidade maliciosa de torna-las conhecidas dos outros. Algumas, porem, em grande numero, eram indiscretas demais e podiam ferir suscetibilidades alheias. Suprimia-as. Não apparecem neste livro, que é de bonhomia e do mais salutar bom humor.

Ajuntei algumas referencias de amigos e discipulos de João Ribeiro que fixaram uma ou outra anedota curiosa.

Ha no que se vai ler alguma coisa de subtil e, por vezes, de malicioso, que faz lembrar, bem ou mal comparando, as subtilezas maliciosas do padre Coignard de Anatole...

Não sei de parecença mais proxima.

Entretanto, a ironia que ilumina essas paginas são como as pedras apiroticas de que fala Aristoteles: brilham como brasas, mas não queimam...

A ENTREVISTA

Lá em cima daquele morro — Santa Tereza — foi que iniciei a entrevista dos 9.000 dias com João Ribeiro.

Certamente ha de se descontar os primeiros anos da infancia, epoca de uma feliz indiferença em que a gente pouco apreende e compreende ainda menos.

Lembro-me, como saudade mais remota de minha vida, nem de meu pai, nem de minha mãe, mas do que ha de mais longinquo e de mais distante na memoria: a cara encarquilhada de uma preta velha, a Preciosa, que me pageava e fazia ninar.

Depois vem a lembrança da casa an-

tiga, acachapada, povoada de gente e da chácara, enorme, povoada de arvores.

Dai por diante não sei determinar mais nada. Tudo é confusamente babelico. As visões se adelgaçam, se interpenetram, se confundem e se misturam. Não ha cronologia possível. Tudo se enevôa num turbilhão de reminiscencias fugidias, difíceis de serem discriminadas isoladamente. Os acontecimentos são como que baixos relêvos fragmentados, esparsos, em ruínas...

Só mais tarde vou delineando a coherencia dos fatos. Ja vou crescendo. Experimentando. Observando. Concluindo.

A SALA DO SILENCIO

Havia na casa antiga de Santa Tereza, á beira da rua do Oriente, onde morávamos, uma sala algo quieta e misteriosa.

Era a sala do silencio.

Meu pai quedava-se, aí, diante de u'a mêsá, em atitude hierática, rodeado de li-

vros, escrevendo e como que esquecido de tudo.

As estantes escuras, riscadas de infolios davam um aspecto sombrio ao ambiente.

Eu chegava, muita vez, na porta, olhava-o e sentia um temor inexplicavel. Não gostava da biblioteca. Não adivinhara ainda que naqueles livros, aparentemente inexpressivos, palpitavam idéas...

Eu que ia pedir um tostão pra comprar bala, perdia a voz e saía escabriado.

Havia qualquer coisa de religioso no silencio, na atitude de meu pai, na tranquillidade daquela sala diferente.

Se daí me veio a veneração, só comeci a admira-lo quando descobri nele o prestidigitador das côres.

O PINTOR

Meu pai vinha pro quintal. Trazia uma tela branca. Cavalete. Palheta. E

o pincel, na sua mão privilegiada, ia reproduzindo a paisagem que se descortinava diante dos olhos.

Todos nós, eu, os meus irmãos pequenos e às vezes algum moleque, filho da cozinheira nos apinhavamos em redor dele, bisbilhotando, discutindo, num espanto ingenuo, enquanto a tela se transformava em côres.

Foi, quando eu era ainda criança, que meu pai, como pintor, impressionou o meu espirito.

Nunca perdi o sabor desse encanto primevo e singular.

O HOMEM QUE FALAVA DIFERENTE

Mais tarde, quando saímos de Santa Tereza e fomos viajar alem das muralhas do Brasil, eu, embora com sete anos apenas, descobri nele o homem que falava diferente: o poliglota.

Foi no navio. O Gallia. Entre franceses e outros estrangeiros, que não nos

compreendiam a mim e aos meus irmãos pequenos.

Meu pai, porém, fazia-se entender. O nosso exilio foi todo assim. Ele falava a lingua de todo o mundo.

Fomos á França. Fomos a Suissa e iamós morar aí, em Genebra, num apartamento que dava, na frente, para o "*quai des eaux-vives*" e donde se via, pelas janelas do fundo, os Alpes empoados de neve.

1914. Veio a guerra (que pena!) e nós tivemos de voltar. Pela França em "wagon" de segunda-classe. Pela Espanha. Por Portugal. Até o Brasil. Até aquele morro em que naci.

A casa antiga e acachapada despertou toda uma serie de recordações obliteradas.

Só então compreendi a melancolia daquela primeira e longa viagem.

OUTRAS DESCOBERTAS...

Demoramos pouco nessa casa. Meu pai e minha mãi acordaram em se mudar

do morro e descemos para junto do mar.
Pro Flamengo.

Já sabia ler. Entrei para a Escola Publica, onde as professoras diziam ter estudado pela gramatica de meu pai e ensinavam por outra gramatica. . . Para o Collegio Pedro II. Para a Faculdade de Direito . . . e aprendi a compreender. Desde então descobri um mundo de coisas ignoradas na obra e na personalidade de meu pai: o poeta e o prosador, o filologo e o didata, o historiador e o filosofo, o folclorista, o esteta, o critico, o romancista, o humorista, o poligrafo, o humanista enfim. E ainda mais: o homem na plenitude de seu espirito.

E ainda tenho algo a descobrir?

SÃO JOÃO

Dia de S. João é o dia de religiosa alegria cá em casa.

A família se reúne toda, filhos, netos, parentes, para festejar o Patriarca.

E' o dia do aniversario de João Ribeiro.

A casa toma uma feição diferente. A atividade da criadagem é desusada. Ha excesso de flores como ha excesso de vózes. Tapetes batidos, salas enceradas e, quasi sempre, uma ou outra inovação ornamental.

Certa vez, ao acordar, no dia 24 de Junho, João Ribeiro percebendo toda aquella visível metamorfose domestica, indagou:

- Que diabo é isso?
 Minha mãe retrucou:
 — Então Você não sabe?
 — Não.
 — Adivinha.
 — Qual! diga-me, para que é isso?
 — E' para Você, meu velho.
 — Para mim?
 — Sim. Para Você.
 — Mas, porque?
 — Hoje é dia de S. João (e relembrando-o) é dia do seu aniversario, homem!
 Só então se lembrou que envelhecia...

CANONIZAÇÃO

O mais rico presente de aniversario que João Ribeiro já ganhou foi, sem duvida, uma cronica que Humberto de Campos escreveu para o "Diario Carioca" (24 de Junho de 1933). A mirra e o incenso das letras de Humberto valem tanto ou talvez mais que a dos reis magos.

Aí vão elas:

SÃO JOÃO, o SABIO

Humberto de Campos

Sobe a vinte e oito, segundo o *Flos Sanctorum*, o numero de Joões santificados pela Egreja Catholica, e a dôze, o de bemaventurados, com esse mesmo nome. Do primeiro grupo, fazem parte os seguintes: João Baptista, o precursor; João Evangelista; João de Matha, confessor; João Calybíta; João, patriarcha de Alexandria; João Chrysostomo; João, bispo de Therruana; João de Reome; João de Vandières; João da Cruz; João de Deus; João Climaco; João de Bonnevaux; João Damasceno; João Nepomuceno; João, papa; João de São Facundo; João-Francisco Regis; João de Bergamo; João Gualberto; João de Rieti; João de Senna; João Marcosé João de Kenti; João de Capistrano; João-José da Cruz; João, o silencioso; e João, conversor de Gallicano. Ao segundo

grupo, isto é, dos bemaventurados, pertencem: João de Britto; João Grandé; João, o Bom; João de Jesus-Maria; João, pastor; João Cassiano; João de Salerno; João Baptista da Conceição; João Berchman; João de Montmirail; João Massias e João Angelo. E essa relação faz-me pensar no bom-humour ou nas contrariedades do Senhor, quando, á semelhança daquella matrona cearense que possuia oito filhas de nome Maria, chama, lá em cima, algum delles, e os vê apparecer, os quarenta de uma vez.

O João do dia de hoje é, todavia, para os catholicos que profanamente o festejam, uma entidade só, representando dois santos verdadeiros. O principal padroeiro do dia é, sem duvida, João Baptista; mas as homenagens que elle recebe foram promovidas, inicialmente, em honra de outra entidade, o bemaventurado João, pastor, o qual viveu cerca de treze seculos depois d'elle.

Esse bemaventurado João, que exercia o seu mysterio de pregoeiro na aldeia franceza de Monchy-le-Preux, na diocese de

Arras, teve a sua santidade proclamada pelo bispo Pedro de Ranchecourt, que ainda o conheceu, e que lhe proclamou a pureza da vida e a santidade da alma, e lhe attestou, ainda, os milagres que fez. Commettendo a sua existencia, escreveram os Bolandistas: "Não se sabe nem o anno nem o dia da morte do bemaventurado João. Sua festa foi fixada, entretanto, em 24 de Junho, talvez por causa da similitude do seu nome com o de S. João Baptista". E adeantam as razões provaveis dessa escolha. No seculo XV, João Baptista achava-se quasi esquecido. A sua festa não tinha esplendor nem despertava interesse. O bemaventurado João, pastor, pelo contrario, era, no norte da França, o santo da moda, o santo do dia. As romarias ao seu tumulo multiplicavam-se, brilhantes e animadas. Os seus milagres tornaram-se famosos, tendo, mesmo, um nobre da região, beneficiado por uma das suas curas prodigiosas, mandado erguer-lhe um mausoléu sumptuoso, em pedra lavrada. E João Baptista passou a desfrutar, parece, a sua popularidade actual, á custa do seu servo de Arras. Não terá pro-

vindo, mesmo, dessa confusão, o costume de representar o Precursor trazendo ao braço um cordeiro? O cordeiro que João Baptista carrega não será de João, o pastor, festejado no mesmo dia?

O santo de hoje, do meu agiologio, não é, porém, nenhum daquelles quarenta arrolados officialmente pela Egreja. O meu santo de 24 de Junho é S. João Ribeiro, o grammatico, S. João Ribeiro, o escriptor, S. João Ribeiro, o sabio, em summa, o S. João das letras brasileiras, que hoje completa setenta e tres annos, e tem, adquiridos no estudo e na vida o saber e a experiencia de setenta e tres seculos.

Ao regressar, ha um anno, da Europa, o sr. Ribeiro Couto, querendo fazer-me sentir o desinteresse da nossa gente pelas altas coisas do espirito, apontava-me, como exemplo, a dispersão de actividade, e de talento, a que se via obrigado o sr. João Ribeiro. Em um paiz de apurada cultura, um homem de sua estatura intellectual seria o idolo de todos os homens de pensamento. Porque o sr. João Ribeiro não é, apenas pela sua erudição, um brasileiro emi-

nente mas daquelles que deviam ter, pela multiplicidade dos conhecimentos, uma projecção mundial. Nem era uma dessas intelligencias que se crystallizam, sem renovar a materia de que se alimentam. Homem de estudo, considerado o cerebro mais bem provido da sua geração, não perdeu elle essa situação perante as gerações novas. Reabastecendo-se permanentemente nos centros scientificos mais adeantados na terra, é elle, hoje, contemporaneo da mocidade, porque não envelhece, nunca, nas idéas. Descendo o rio da Vida, elle derrama, cada dia, a agua da sua bilha, para encher-a de agua nova. E tem-na sempre fresca, para desalterar os que lh'a pedem, acercando-se dos seus livros e da sua pessoa.

Quando se restabelecer, no Brasil e no mundo, a ordem nos dominios da litteratura, nenhuma figura brasileira dos nossos dias despertará, talvez, mais vivamente o exame da critica do que este philosopho que vem, ha mais de meio seculo, zombando da popularidade e da gloria. Professor de tres gerações, autor dos livros didacticos de maior extracção no paiz, philologo e mes-

tre de philologos, historiador a quem a historia do Brasil deve a sua orientação actual, divulgador em portuguez das grandes litteraturas do occidente europeu, pintor e poeta, erudito em toda a extensão da palavra, — o sr. João Ribeiro não faz o menor caso da riqueza que accumulou, e continúa a accumular. O seu ouro, que é do mesmo quilate daquelle do fabulista naufrago, deixa-o ao relento, porque não dá nenhum valor á fama, que é a mercadoria que se compra com elle. Quem o vê atravessar a cidade, as mãos cruzadas nas costas, o passo tardo e cansado de quem carrega aos hombros, num sacco, todas as idéas do seculo, mal adivinha o homem que ali vae, e a fortuna de que é depositario des-cuidado. Os bens que elle possui, não ha dinheiro, entretanto, que os compre. Cresco, se os quizesse, precisaria de uns sessenta annos de estudo, e de meditação, para ter o que elle tem.

E' a esse João que eu accendo, assim, hoje, esta minha fogueira. Apprendi alguns segredos da lingua, ainda menino, na sua grammatica. Formei, em parte o meu

espirito, e disciplinei a minha sensibilidade, na sua versão do *Coração*, de Edmund d'Amicis. E é com as sobras e retalhos do seu saber que vou, aqui e ali, provendo o meu alforge de peregrino, e escondendo os vastos rasgões da minha ignorancia.

— Louvado sejas tu, pois, meu São João brasileiro! E' a ti que reso neste dia, para que a tua velhice seja longa e tranquilla, e continues a trabalhar pela conquista do teu pão: tú, que dos tres Joões de hoje és talvez o mais pobre, pois que não tens, como João, o Baptista, um cordeiro no braço para comer, e não terás, talvez, como João, o pastor, quem te dê, mais tarde um "carneiro", para dormir.

Tal é a pagina antologica de Humberto.

Cá em casa seguimos a mesma devoção que Humberto. João Ribeiro é o nosso santo, mas, como é santo de casa, não faz milagres. Somos pobres.

A respeito dessa encantadora pagina de Humberto de Campos não posso deixar de contar o que se passou comigo. Quando o nosso ateniense publicou esse artigo

no "Diario Carioca", eu andava na casa de bonecos torturados, isto é, no quartel, fazendo serviço militar.

O contentamento, que me causaram as palavras de ouro de Humberto, me levou a ler, em voz alta, todo o artigo para os meus companheiros de caserna, gente de toda especie, na maioria, bronca, analfabeta, ignorante.

Após a leitura, um voluntario nordestino me perguntou ingenuamente:

— O seu pai é santo *mêmo*?

Um cabo não me deixou responder e retrucou:

— Qual o quê! o pai do Ribeiro só ficou importante depois que ele entrou para aqui.

Eu apenas comentei:

— O prestigio da farda...

No quartel, onde cada soldado é um boneco torturado, ha muita duvida dispersa. A pergunta ingenua do voluntario nordestino, que vestiu a farda para fugir ao flagelo do sol, trocando um flagelo por outro, ficou boiando no meu espirito. Talvez não pudesse responder.

O BOM HERESIARCA

João Ribeiro não é inimigo irreconciliavel da Igreja, como costumam assoalhar por aí alguns homens e letrados, que comungam pela Pascoa. Tambem amigo de peito não é.

Interrogado, certa vez, por um padre bisbilhoteiro, sobre que religião professava, respondeu:

— Não tenho religião alguma, mas sou amigo das religiões...

E de fato o é.

Ninguém como ele, supponho, aprecia as leituras religiosas, principalmente biblicas. Grande parte de sua biblioteca é de livros sacros.

A SUAVE OBSESSÃO

Chega até ter uma mania. Ama as biografias de Jesus. Mania cristã já se vê. A sua leitura predileta é a vida do Cristo

nos seus episodios autenticos e apócrifos, contada por crentes e incrêus. Já, alias, tem semeiado em artigos e estudos esparsos muita coisa assimilada dessa volupia extranha, mas profundamente cristã. Foi, sem duvida, se lembrando desses inumeros escritos biblicos, que o jornalista Jaime de Barros o chamou o "nosso Renan".

A VELHICE DE JESUS

Comentando um curioso romance de George Moore em que se conta a vida de Cristo após a crucificação admitindo o artificio de que o predestinado não se extinguira na cruz, João Ribeiro batisou o seu artigo com esse titulo, sem duvida, suggestivo "*A velhice de Jesus*".

Batismo heretico esse!

Os redatores responsaveis pela orthodoxia do órgão, em que João Ribeiro colaborava, revogaram o batismo, substituindo pelo nome da obra de Moore "*The Brook Kerith*".

Chamei a atenção de meu pai para essa heresia, que me parecia pior que a da decrepitude do Nazareno, forjada pelo romancista irlandês.

— Qual! (disse ele, sem perder a serenidade, que me faltava) Os nossos jornais são institutos católicos acomodaticios...

GLOSA

Na capa do livro do padre Louis Bethleem intitulado "*Romans à lire et romans à proscrire*" encontrei esta glosa, que vale por uma critica decisiva, escrita com a letra paterna: Igreja e Cia.

O ARCEBISPO NEGRO

Um dos academicos mais admirado por João Ribeiro era o Arcebispo de Mariana, D. Silverio Gomes Pimenta. Em

conversa, alguém disse, detratando o arcebispo negro, que fora o clero que o levara às portas da Academia. João Ribeiro retrucou:

— Ao contrario. Foi D. Silverio que levou o clero á Academia...

EPISTOLARMENTE

Uma vez o padre Galanti indo visitar João Ribeiro em Santa Tereza encontrou-o no jardim, sentado num banco de pedra, lendo as amenas Cartas de São Jeronimo.

— Ah! agora vejo (exclamou o bom do jesuita) que Você já se dá com a Igreja.

— Sim (respondeu João), mas só por correspondencia...

INDUMENTARIA PROFANA

— Dos frades (disse uma vez) só invejo a camisola...

Na verdade ninguem como ele repudia a indumentaria complicada do século. Os frades, que raciocinam melhor que os hereges, foram mais finorios. Escolheram trajo melhor. Provavelmente por inspiração divina porque Deus, com certeza, é nudista.

Essa historia de usar colarinho, por exemplo, só serve para, nesse tempo, roubar o tempo de quem tem pouco tempo.

E o laço de gravata?

Uma indiscreção: João Ribeiro não sabe dar laço de gravata.

Quem o dava por ele era minha mãe. Hoje o encargo foi transferido para minha irmã mais velha.

Certa tarde só estavam eu e ele em casa. Resolvendo ir a um cinema, chamou-me para dar o laço de sua gravata. Que tragedia inesperada! Só estavam nós dois em casa, e eu só sei (e ainda assim muito mal) dar laço em mim mesmo. Não ageito dar em outrem. Tentei varias vezes e varias vezes fracassei.

Afinal resolvi chamar o auxilio de Jove. Jove, aqui, não é o da mitologia.

E' uma preta velha, natural de Campos, que durante muitos anos nos serviu com dedicação.

A preta veio. Mas deu o laço pelo avêso:

— Qual! Você só serve para embrulhar sobretudo...

O velho estava resolvido sair assim mesmo. O avêso, afinal de contas, é méra convenção e vale tanto quanto o direito.

Felizmente o outro Jove (o da mitologia) interveio: chegava, nesse momento, a minha irmã e o problema foi solucionado.

AINDA A GRAVATA

Acerca da gravata corre, por aí, uma anedota, que ora atribuem a meu pai, ora a Capistrano de Abreu.

A autenticidade, nesse caso, é difícil de por a prova, ainda que se possa acreditar na possibilidade de ter acontecido com um e outro.

Na verdade, Capistrano e meu pai sempre são apontados como "filosofos" no sentido mais sordido do vocabulo. Pouco ligam á indumentaria e muito menos aos ornamentos da elegancia. Todavia meu pai sempre foi mais cuidadoso de si que o saudoso Capistrano, que nem fazia barba...

Contam que um deles estando viajando de bonde nesta capital, não trazia gravata. O condutor do veículo fez-lhe ver que não podia permitir um passageiro sem gravata viajar no carro de 1.^a. Capistrano (ou João) só então deu pela falta e correndo a mão pelo colarinho foi descobrir a gravata nas costas...

Certamente ha preocupações mais serias que simples atenção a uma gravata...

O UNICO TABU

Já varias vezes João Ribeiro tem salientado a espontaneidade de seu ateismo, que não é nenhuma atitude de intelectual.

Não existe nele, na verdade, nenhuma inclinação religiosa a não ser o extremado amor aos livros sacros e um forte e elevado sentimento moral, que sempre o norteou.

Como todo ateu, não poderia deixar de revelar uma ou outra transigencia supersticiosa, perfeitamente compensadora de seu arraigado agnosticismo.

Ele tem um tabú alimentar, que vale como sintoma de religiosidade embrionaria.

Sobrio no comer e abstemio no beber não se pode dizer sequer que é um bom garfo. Ele mesmo confessa a sua "sobriedade fakiriana". Come muito pouco. Pouquíssimo mesmo, somente não escondendo a sua predileção pelas frutas do norte.

Possue, contudo, uma aversão estranha e bem acentuada a qualquer iguaria em que entre galinha. Repugnam-lhe os pratos deliciosos da *penosa*. É o seu tabú alimentar.

Ele mesmo não sabe explicar a razão e, ás vezes, diz pilheriando:

— Eu creio que a galinha deva ter sido algum "totem" dos meus antepassados.

Somente um misterio totemico sobrevivente pode servir de explicação a esse tabú alimentar, tambem herdado por meu irmão Antonio João, o caçula...

III

LIVROS E MOSAICOS

Inumeros admiradores de meu pai tem censurado a dispersão de atividade em que as contingencias da vida o colocou, o que, na verdade, o impede, de dar uma aparente unidade, ás suas obras literarias, quasi todas feitas de retalhos de sua atuação jornalística.

Esse aspecto de mosaico que os seus livros apresentam, todavia, não fere a unidade de sentido, oriunda da harmonia de seu espirito criador.

Não é ele o caso unico em nossa literatura de idéas. Tobias Barreto, Silvio

Romero, Capistrano e tantos outros nem sempre tiveram tempo para dar um trabalho sem intermitências.

Conversando com ele, ouvi:

— O livro ordinariamente não passa de jornal empalhado. Os jornais desaparecem no dia seguinte. O livro dura um pouco mais e apodrece lentamente. A diferença é que a um mata a morte subita, a outro a consumpção lenta.

AS MEMORIAS

Justamente por essa balburdia a literatura de João Ribeiro é tumultuaria e sem concatenação. Já varias pessoas tem me indagado quando saem as "memorias", que esparsamente, em retalhos de jornais e revistas, vem escrevendo. E' impossivel informar.

Sei, todavia, que o titulo por ele imaginado para tal livro de memorias é "O meu jornal".

MILIONARIO DE TALENTO

João Ribeiro tem escrito muito. Podia ter mais livros do que anos de vida se, por ventura, quizesse reunir o que tem semeiado na roça fértil dos jornais e das revistas do nosso paiz.

Pouco liga a essa vaidade bibliografica. Apesar de tudo, a sua bibliografia é prodiga, numerosa.

Nunca enriqueceu com os seus livros, que tem enriquecido tanta ignorancia neste Brasil.

Agrippino Grieco, que sabe como ninguém arranjar apelidos para os nossos literatos, batisou-o consoladoramente de "milionario de talento".

EDITORES

Se João Ribeiro, milionario de verdade não ficou com os seus livros, sem duvida houve editores que ficaram á sua custa.

Um dos que mais ganharam com os livros de meu pai foi o livreiro Francisco Alves.

Se João Ribeiro ganhasse apenas um tostão em cada exemplar de seus livros, estaria hoje transformado em Crespo da cidade.

Todavia, meu pai, que era compadre de Alves, não se dá por roubado. Ele atribue o êxito das edições de suas obras á sabedoria comercial do amigo livreiro.

Francisco e João eram bons companheiros. Lá para a década de oitenta, o Alves costumava reunir, em agapes amistosos, Silvio Romero, Barbosa Romeu, Teofilo das Neves Leão, Capistrano de Abreu e João Ribeiro, o mais moço de todos eles.

Nessa roda amalgamaram-se as suas amizades de moço.

O Alves foi um dos seus bons amigos de então, e, talvez, cedendo a razão á amizade, desculpa-o:

— Das cento e cinquenta edições dos meus livros didáticos correu e corre mais de um milhão de exemplares. Mas eu não

murmuro nenhuma queixa. Em mãos de outros ou nas minhas, gramaticas e compendios nada valeriam e disso fiquei certo por algumas experimentações decisivas.

PAGAMENTO

João Ribeiro relata ainda como o livreiro costumava, ás vezes, lhe pagar. Bom conselheiro, dizia-lhe:

— Desta vez vou pagar-lhe apolices. Lembre-se de que tem muitos filhos.

Todavia, o segredo maligno de liquefazer as apolices, ele já bem o conhecia.

UM "PUTOIS" CRIOULO

Conta meu pai como o Alves sabia livra-lo de apuros e situações nada agradáveis. Quando o sabia em dificuldades fi-

nanceiras, inventava trabalhos bastantes para cobrir o "deficit".

Era bom compadre e leal companheiro. Ha casos que comprovam essa amizade de compadresca. Das "memorias" de João Ribeiro furto esta passagem, deveras engraçada:

"Já ha muitos anos aparecia sempre na livraria um preto velho, o *Kelé* (seria Clemente ou Clementino) taralhão e pernostico, que comprava e revendia cartilhas, taboadas, *pliegos sueltos* e livros de cordel. Agradava a todos pelas suas medidas e seus repentinos.

"Esse velho preto mantinha duas mulheres ao que diziam.

De uma feita interpelei-o:

— Como é que você, *Kelé*, aos oitenta anos de idade tem duas mulheres?

— Uma só eu não aguento, disse-me o preto.

E explicou-se:

— Tenho duas porque vai daqui, vai dali elas brigam. E uma enfraquece a outra.

E o velho preto parecia tirar grandes vantagens dessas duas fraquezas.

Como quer que seja das duas ou de uma delas (nunca aprofundei esse misterio) o *Kelé* arrancou um filho.

E eu fui o padrinho por procuração.

— Cuidado! dizia-me o Alves. Este afilhado nunca existiu. E' uma invenção do preto.

Realmente morava longe: não pude ve-lo jamais. Era preciso tomar o trem, depois andar a cavalo e de certo ponto em diante andar a pé, umas duas horas. Um impossivel.

De vez em quando o *Kelé* pedia-me cinco mil reis e a benção para o afilhadinho.

Eu ia-os dando, um pouco convencido da velhacaria do preto; enfim era uma facada como as outras, sob certas formulas espirituais.

Certo dia, porém, precisando talvez de quantia maior appareceu-me *Kelé* em chordeira grossa, em soluços de cortar o coração.

— Seu a-fi-lhadinho morreu. E eu nem tenho com que enterra-lo.

E pediu-me aí uns cem mil reis para o caixão e umas roupinhas de S. João Evangelista.

Eu não tinha então, como agora, os cem mil reis; e parecendo-me que desta vez a facada era mortal, quíz tirar o corpo...

O Alves que estava de observação, interrompeu-me:

— Você tem aqui um saldo; dê-lhe os cem mil reis. Aqui estão.

Fiquei aturdido. Paguei o enterro problematico.

— Isto foi negocio da China, disse-me o Alves depois. O preto resolveu matar o afilhado; e você ficou livre dessa pensão por dez ou vinte anos.

Na verdade Kelé nunca mais me falou no afilhadinho. Creio que, de envergonhado, bateu a outra freguezia."

Como se vê, o crioulinho afilhado pertencia á familia dos Putois.

IV

GRAMATIUICES...

O maior suplicio de meu pai são as consultas gramaticais, que vem de todo Brasil, desde Manáus a Porto-Alegre...

Animal gramaticoide por excelencia, o brasileiro acha, sem duvida, que fazer consultas gramaticais é uma recreação proveitosa e gentil. Daí essa chusma de consultas por cartas e, às vezes, até por telegrama abarrotando a mesa superlotada de meu pai...

Aqui, no Rio, a impertinencia de consultantes tais chega á telefonema.

Como se vê a importunação não tem limites e nem olha meios.

Não é raro vir pessoas consultar João Ribeiro sobre gramatiquices.

— Qual! (costuma dizer) eu não sou gramatico.

— Mas o senhor escreveu gramaticas...

— E' certo. Escrevi, mas... não ha pessoas que fazem versos sem serem poetas? Pois o mesmo se dá comigo. Escrevi gramaticas, é verdade, mas não sou gramatico...

No tempo em que o Mario Barreto vivia aconselhava:

— Consulte o Mario. Ele é quem entende disso...

Nem por isso as consultas diminuem. No Brasil a gramatica ainda é uma obsessão coletiva, na verdade, apavorante como a dança de S. Guido nos tempos medievais. Eu creio mesmo que a grande popularidade do nome de meu pai vem de ter escrito gramaticas. Nas peregrinações que tenho feito por esse Brasil sempre encon-

tro alguém que logo identifica a minha filiação:

— Ah! é filho do João Ribeiro, o gramatico?

E logo o mesmo estribilho:

— Eu sou um grande admirador de seu pai.

Para tais gentes meu pai é apenas o gramatico, e isso para eles vale um panegirico...

Foi provavelmente percebendo esse fanatismo idiota que João Ribeiro definiu:

— A questão da gramatica no Brasil é tão importante, como a questão do café...

Ele, entretanto, é o primeiro a condenar esse bisantinismo tolo, que fere as tendencias naturais da lingua portugueza na sua transformação espontanea no continente.

PARADIGMA

O gramatico é quasi sempre um anatomico de visão estreita, que não vê e nem

percebe a fisiologia e a psicologia das palavras e das frases. Para ele não ha subtilidades e nem "fringe". Só percebe a anatomia crúa, positiva, material. E' um arquiteto de fachadas, incapaz de desenhar perspectivas.

E' o homem das ninharias, das teimosias irritantes e dos bisantinismos dispensáveis.

Ha alguns que chegam ás mais tolas ridicularias. Tornam-se, na idolatria dos classicos, que copiam, artificiosos e insupportaveis na maneira de escrever. Os gramaticos, de regra, não sabem escrever, e muito menos pensar.

João Ribeiro sorri desses fantoches, na maioria, pretensiosos e atrevidos.

Pilheria com eles, que, ás vezes, ou melhor, quasi sempre, se zangam e esperneiam, atirando desafôros.

Não vale a pena rememorar tais questionculas. Basta uma para paradigma.

Havia por aqui certo gramatico arcaizante, Mello Carvalho, cujo cacoete era abusar de palavras e frases obsoletas como "por ende", "leixar", "avondança", etc.

João Ribeiro censurou-o.

O gramatico ficou furioso. E arguiu de tola a censura porque tais palavras e frases não era invenção sua e estavam nos dicionarios e nos autores.

João Ribeiro apenas comentou:

— O que eu censuro e extranho é que estejam em Mello que nem é dicionario nem autor...

E como Mello Carvalho escrevia na raquitica ortografia portugueza disse dele ainda:

— Come as letras e a paciencia do proximo...

ENTRE DOUTORES...

Um dos nossos maiores higienistas, homem de bom saber, mas algo apaixonado, criticava junto de João Ribeiro a criação da cadeira de *Medicina Tropical* nas Faculdades médicas. E dizia asperamente, dando um carater demasiadamente pessoal:

— Isso foi feito apenas para presen-

tear o Carlos Chagas com uma cátedra sem concurso...

— Mas o Carlos (interveio João) dispensa concurso...

— Não é isso somente. Que é que ele ensinará que não se encontra já ensinado nas outras cadeiras? Como ele se arranjará?

— Ensinando literatura brasileira... advertiu João Ribeiro, que o ouvia com seriedade.

MEDICINA GRAMATICAL

A respeito do grande numero de médicos na Academia (que não fazem dano ás musas os doutores) João Ribeiro commentou:

— Hoje qualquer medico pode errar decentemente o diagnóstico, mas os pronomes nunca. Mata-se, porém, gramaticalmente...

O COLECIONADOR DE BORBOLETAS

Manias, quem as não tem?

Todos nós temos os nossos cacoetes, efetivos ou passageiros, e nem sempre sabemos explicar o "porque" misterioso e intangível de tais manifestações.

Uma dessas manias transitorias teve João Ribeiro. Sem nunca ter estudado entomologia, certa vez, quando morava em Santa Tereza assaltou-lhe inexplicavelmente a idéa de fazer coleções entomológicas e, da noite para o dia, se transformou em colecionador de borboletas.

E' ele mesmo quem nos relata essa mania extranha e inexplicavel, apparecida assim de repente:

"Vai para mais de trinta anos, que comprei uma casinha em Santa Tereza e fui habita-la. Dentro de pouco tempo, não sei como, grangeei uma mania: dei para coleccionar borboletas, arranjei os petrechos de caça, comprei quanto livro achei sobre lepidopteros...

"E já estava com a minha coleção adiantada quando vim a saber que a casa, que eu fôra habitar, tinha sido occupada, largos anos, por um conhecido coleccionador de borboletas, o alemão *Beninghausen*, que viveu aqui no Rio.

Eu não creio nos influxos astrais e muito menos no prestigio dos deuses lares e penates. Professo a comoda superstição da coincidencia, do acaso...

"Todavia, essas coisas fazem pensar." (1)

Como explicar aquella repetição no

(1) Notas de um estudante, pag. 216 - 217.

mesmo teto, sob o qual tambem viveu o alemão coleccionador de borboletas?

O TERROR DOS ANDAIMES

Conta meu pai que, ainda quando moço, foi assaltado por uma phobia inexplicavel, uma verdadeira neurose extranha: o terror dos andaimes...

Não podia passar junto de casas com andaimes. Tinha a impressão de que tudo aquilo ruiaria sobre ele...

Felizmente esse terror foi passageiro — como a mania de coleccionar borboletas.

O que, porem, nunca o abandonou foi o amor, quasi fanatico, aos livros sobre Jesus ou apenas aos livros antigos da lingua, alias, na maioria ungidos de religiosa inspiração, como os de Bernardes, os de Vieira e os de frei Luis de Souza, seus companheiros de cabeceira.

Provavelmente os ama porque os li-

vros antigos são como as casas antigas, aca-
chapadas e baixas, feitas sem andaimes.

LIVROS ANTIGOS...

Possue João Ribeiro um amôr extraordinario aos livros antigos, os clássicos lembrados e os esquecidos.

Antes de sua ultima viagem á Europa em 1914, possuia uma das mais ricas e preciosas bibliotecas de obras classicas existentes aqui no Brasil. Essa viagem que o animava fixar residencia com a familia fora do paiz, fe-lo desfazer-se de algumas preciosidades bibliograficas.

Ha ainda nas suas estantes muitos vestigios desse esplendor passado. Ele os trata com um desvelo paternal, religioso quasi.

Em casa não esconde a grande preocupação por esses livros antigos, que exercem nele uma fascinação indizível.

Em certa ocasião desapareceu de sua livraria um exemplar "princeps" da Cro-

nica do Imperador Clarimundo do quinhentista das Decadas da Asia.

Veio logo a mim, pois sabe perfeitamente que eu (talvez por vicio hereditario) tambem amo essas antigualhas que ninguem mais lê. Entretanto eu ignorava o paradeiro do livro.

Meu pai não descansou. Embarafustou por todos os cantos e cafundós, investigou aqui, pesquisou acolá, remexeu tudo e tudo desarrumou. Não na encontrou. Nada. Tudo inutil.

— Porque tudo isso? indaguei. O senhor não possui a segunda edição da Cronica?

— Tenho sim. Está lá em cima na estante, mas, o que eu quero é a edição *princeps*, a mais velha, a mais antiga...

Amando assim tão ardorosamente os classicos, não é um idolatra dos mesmos. Não se enclauzura nas suas muralhas. Tanto que tendo lhe perguntado qual o maior deles assim me respondeu:

— O Brasil... o povo brasileiro...

SI

ma
ta.
tor
su
di
de
m
u
p
m
c
d
e
d
p
t
e
t

VI

O CAMPEÃO DA DISTRAÇÃO

Um dos defeitos de João Ribeiro é a distração. Não sei de alguém mais distraído do que ele. E' excessivo.

Num dos Microcosmos, Carlos de Laet quando andou atirando desafôros a meu pai, repete um caso, que, na verdade, aconteceu.

Conta lá o "leader" do catolicismo:

"Você é um homem tão distraído que de uma feita, andando a pé, serenamente, sem atropelo, foi meter os olhos nas hastes de uma cama de ferro, que adiante lhe estavam transportadas em uma carroça e quasi cegou".

Através da perfida intenção Laet relata um fato verídico.

João Ribeiro é distraído.

Inumeras pessoas queixam-se a mim de que meu pai não os cumprimenta e nem sequer responde aos seus cumprimentos e zumbaias.

E' bem expressivo o seguinte caso que o jornalista Jayme de Barros, um dos nossos mais finos prosadores, narra numa cronica escrita sobre o seu ex-professor:

AS SABATINAS

"A actividade mental do sr. João Ribeiro é um dos mais surpreendentes e bellos espectaculos que a intelligencia nos tem offerecido, no Brasil, em todos os tempos.

E desde menino, já se foram quinze annos, que eu o assisto, maravilhado e embevecido.

Estou daqui a vel-o em sua cathedra de professor de Historia Universal, no Internato Pedro II, as meias caídas sobre as botinas de elastico, os cordões das ceroulas

cumpridas desatados, os bolsos cheios, arre-bentando de livros, jornaes e revistas, sentado, não raro sobre o chapéo, que jogára, antes, distraidamente sobre a cadeira, se não era para evitar o seu desapparecimento fatal no fim das aulas.

Aulas, é maneira de dizer. Conversa, é que era. O mestre possuia tal encanto nas coisas que contava com ingenita malicia, e nós sabiamos tanta Historia Universal, que mal elle entrava na sala, levantavamo-nos todos, para acompanhá-lo em procissão festiva até á mesa, que sitiavamos, crivando-o de perguntas curiosas e bisbilhoteiras, num ataque em massa.

João Ribeiro, com sua cara raspada de frade sadio e tranquillo, sorria levemente, com os labios e com os olhos, o seu sorriso ironico de philosopho, que é, por si mesmo, um commentario silencioso, fino e agudo como o estylete de um agua fortista.

Depois, com o commentario permanente, parallelo e mudo desse eterno sorriso, a illuminar-lhe a mascara de philosopho evadido de um convento, da Edade

memoria do prof.
de hist. Pedro II



Média para a alegria espiritual do Renascimento, começava a palestra. Esta, que versava sobre sciencias, artes, letras, philosophia, physica, chimica, em viagens universaes do pensamento, poucas vezes tocava no ponto de historia do dia, que evitavamos com maior estrategia do que a de Amilcar, Annibal, Alexandre, Cezar, Napoleão. Isto, apesar de gostarmos immensamente da materia.

Nas sabbatinas, sorteado o ponto "Guerras Punicas", a turma inteira, devido a combinação prévia, escrevia sobre as conquistas napoleonicas, por exemplo. Quem não concordasse, era considerado traidor.

Uma semana após, o mestre voltava com as provas, enchia a lista de chamada de grãos dez, de ponta a ponta, e commentava:

— Nunca tive turma tão boa, como esta...

Uma ou outra vez, desconfiava, vagamente:

— Não foi Henrique IV, o ponto sorteado?

E a turma, alerta e agil, acudia, em côro:

— Não, mestre, foi Alexandre.

E ficava sendo Alexandre. (1)

O LADRÃO DA BENGALA

Outro caso de sua distração conta ele mesmo e vem a ser o seguinte.

Certa vez numa viagem de trem, na Italia, percebeu João Ribeiro que determinado sujeito, alojado ao seu lado procurava roubar a sua bengala.

Observou, com atenção, varias tentativas frustradas. E resolveu pegar em flagrante o ladrão de bengalas...

Certamente aumentou a atenção e essa atenção foi tal que, quando procurou a bengala, esta já havia desaparecido. E com a bengala, o ladrão, que ele proprio vigiava...

(1) Diario Carioca, 28 de Maio de 1933.

— Positivamente (costuma arrematar) sou muito mais tolo que experto...

AS BOTAS

Ora, em torno dessa habitual distração de João Ribeiro, têm-se forjado inúmeras anedotas, algumas evidentemente apócrifas, como a que vai aqui.

Repito-a porque corre entre varios ex-alunos do Colegio Pedro II.

Contam que, certo dia, João Ribeiro, encontrando-se com o Quintino do Valle, num dos corredores daquelle Internato, se queixou:

— Quintino, estou passando mal dos calos... estão me doendo muito.

O Quintino olhou e viu que o velho, por distração, trocara as botas...

VII

Para ele a lembrança de Larangeiras — a cidade sertaneja em que nasceu — não desperta senão uma saudade longínqua de sua meninice selvática no sertão.

Não entôa canticos. Nem lôas. Fala, porem, com meiguice das paragens natais.

Com meiguice e com sinceridade de quem perdeu o roteiro para poder voltar. Não mitologiza a paisagem tabarôa. Prefere a côr rustica. E' assim que possui um encanto envolvente na recordação.

Nunca renegou a sua terra. Sempre defendeu publicamente os seus filhos mais ilustres. Ama-a profundamente. Sem exageros. Sem verborragias. Sem escandalos. Com discreção. Com dignidade. Friso bem: com sinceridade.

A suspeita dos sergipanôs de que ele não ama o berço natal vem, sem duvida, do fato de não ter voltado a Sergipe desde que de lá partiu.

Isso, todavia, não pode fundamentar uma aleivosia.

Na verdade, João Ribeiro nunca mais voltou a Sergipe, ha mais de cincoenta anos.

E porque não voltou? Porque desambientou-se?

Não. No fundo João Ribeiro é (e ele o confessa) um sertanejo urbanizado.

Porque então?

Muito simples. Ha arvores (perdoem-me a linguagem parabólica) que transplantedas de um para outro terreno, criam neste ultimo raizes tais, que as algemam definitivamente á terra doadora de nova seiva e de nova vida.

Eu creio que na Metropole as raizes que algemaram meu pai foram: o amor e o saber. A mulher e a biblioteca. Minha mãe e os livros. Foram estas as duas algemas, os dois imans enraizadores.

UM PROTESTO HISTORICO

Sergipe anda enciumado.

Sendo terra de sabios irreverentes como Tobias Barreto, Silvio Romero e Gil-

O TORRÃO NATAL

Já ouvi da boca de varios sergipanos esta falsa afirmativa:

— Teu pai não ama Sergipe.

Puro engano, porem.

Ama e sempre amou o seu torrão natal. O que não é, é retorico. Nem bairrista. Nem tampouco hipócrita.

Ama a terra sergipana na simplicidade roceira de sua vida bucolica e ingenua, frugal e atrazada, que ele recorda atravez do seu folclore meio selvagem, mas cheio de um encanto indizivel.

E confessa, com sinceridade, que a ama assim.

Para ele a lembrança de Larangeiras — a cidade sertaneja em que nasceu — não desperta senão uma saudade longínqua de sua meninice selvática no sertão.

Não entôa canticos. Nem lôas. Fala, porem, com meiguice das paragens natais.

Com meiguice e com sinceridade de quem perdeu o roteiro para poder voltar. Não mitologiza a paisagem tabarôa. Prefere a côr rustica. E' assim que possui um encanto envolvente na recordação.

Nunca renegou a sua terra. Sempre defendeu publicamente os seus filhos mais ilustres. Ama-a profundamente. Sem exageros. Sem verborragias. Sem escandalos. Com discreção. Com dignidade. Friso bem: com sinceridade.

A suspeita dos sergipanos de que ele não ama o berço natal vem, sem duvida, do fato de não ter voltado a Sergipe desde que de lá partiu.

Isso, todavia, não pode fundamentar uma aleivosia.

Na verdade, João Ribeiro nunca mais voltou a Sergipe, ha mais de cincoenta anos.

E porque não voltou? Porque desambientou-se?

Não. No fundo João Ribeiro é (e ele o confessa) um sertanejo urbanizado.

Porque então?

Muito simples. Ha arvores (perdoem-me a linguagem parabólica) que transplantadas de um para outro terreno, criam neste ultimo raizes tais, que as algemam definitivamente á terra doadora de nova seiva e de nova vida.

Eu creio que na Metropole as raizes que algemaram meu pai foram: o amor e o saber. A mulher e a biblioteca. Minha mãe e os livros. Foram estas as duas algemas, os dois imans enraizadores.

UM PROTESTO HISTORICO

Sergipe anda enciumado.

Sendo terra de sabios irreverentes como Tobias Barreto, Silvio Romero e Gil-

berto Amado, nem sempre perdôa as irreverências perdoáveis de meu pai.

Uma delas motivou até um protesto do Instituto Historico de Sergipe.

E foi assim. Os sergipanos não queriam um rei como as rãs de Fedro, mas desejavam uma data para comemorar o aniversário da terra lamentavelmente esquecido na velhice dos seculos... Coisa, alias, nada feminina para uma terra moça.

E arranjaram uma data. Por sinal nada expressiva. E fizeram sessões solenes. Com discursadas. Com bandas de musica, etc.

João Ribeiro, fiel á historia, extranhou o tal arranjo cronológico. Criticou, sem azedume, contestando-o, o valor historico da data improvisada.

Os regionalistas erriçaram os pêlos "impitoyables" e o Instituto Historico de Sergipe protestou contra essa honestissima critica, inspirada no amor á propria historia sergipana.

A data, afinal, era 24 de Outubro, que depois de 1930, com a implantação da Ditadura no Brasil, tornando-se realmente

historica para a nação, fez João Ribeiro exclamar:

— Qual! meus conterraneos são mesmo profetas!

E o são de fato. Pelo menos ele costuma narrar algumas historietas veridicas da terra natal, em que ha alguma coisa de previsivel e antecipador.

O CABOCLO VOADOR

Diz ele que o precursor de Santos Dumont foi um caboclo sergipano, ladrão de côcos, do tempo de sua meninice.

Esse caboclo, cujo nome, por negligencia do destino, não passou á historia, costumava ir roubar côcos nos coqueirais de certo fazendeiro tão ranzinza quanto abastado.

O roubo era facil. Os coqueiros ficavam em linha, á beira de um rio, que servia de limite do latifundio do fazendeiro. O caboclo atravessava-o a nado e

subia, com agilidade de simio, nas arvores esguias como colunas.

Quando o fazendeiro dava pelo ladrão ajuntava gente em baixo, a gritar desafôros, a espera do maroto descer.

O caboclo tinha, porem, artes diabolicas e agarrando-se a duas palmas do coqueiro como asas gigantescas atirava-se lá de cima, num vôo vertiginoso, como se fosse senhor da dirigibilidade aeronautica, indo cair na outra margem do rio.

A façanha embasbacava a malta dos apaniguados do fazendeiro e dos espectadores casuais.

O vôo desse caboclo sergipano deslumbrara-o na meninice e desde então não extranhou jamais o advento dos aeroplanos e dos zepelins.

O COMPADRE DE S. PEDRO

E não é essa a unica reminiscencia daqueles tempos.

Se o professor Picard subiu á estratosfera, houve em Sergipe outro caboclo que enviou algo mais alem.

— Na minha terra natal (assim conta) havia um certo João Fogueteiro, afamado pelos seus rojões maravilhosos e por suas mentiras.

Era casado com a Tereza, companheira de arte pirotecnica e de quem houvera um filho apadrinhado na pia por S. Pedro.

O João Fogueteiro lançou uma vez um foguete de tal estrondo que levou quinze dias a subir pelo ceu acima. E, contava ele aos circunstantes, ao cabo de um mês, caiu o foguete á minha porta com este bilhete: "Compadre João. Não faça mais destes foguetes que me estão arrombando o ceu. Seu compadre, São Pedro."

E' desse Sergipe assim, dessas coisas ingenuas, do João Fogueteiro, do caboclo

voador, enfim do Sergipe sertanejo, do Sergipe bucólico, do Sergipe selvagem, do Sergipe de suas reminiscencias infantis, que ele gosta e nunca se esquece. A este ele ama como nenhum sergipano jamais o amou.

VIII

OS LIVROS DE POESIAS

Quasi sempre os poetas moços reclamam junto a mim, contra as "antologias" apressadas e demasiadamente sinteticas que João Ribeiro, de quando em quando, sóe fazer nas suas crônicas literarias do "Jornal do Brasil".

— Ele fala muito pouco de nós (queixava-me um deles) quasi nada diz a respeito, e, ás vezes, até transcreve a pior poesia do livro...

São inumeras as queixas dessa ordem, que tenho recebido como se eu pudesse interceder junto de meu pai num assunto

dessa natureza. Claro está que apenas as transmito sem comentário.

Lembro-me bem que numa dessas vezes, ele me respondeu:

— Não são eles poetas? pois digalhes que os livros de poesias são como as rosas. Basta a gente sentir o perfume. Ninguém jamais desfolharia uma rosa para cheirar folha a folha.

ESTATISTICA

Atribuem a meu pai a seguinte "piada". Comentando o grande numero de livros de poesia no Brasil, afirmou:

— Em dez pessoas, ha sempre onze que fazem versos.

— Como assim?

— A outra é a que conta os dez.

PALEONTOLOGIA POETICA

Quando Conan Doyle imaginou no "Mundo perdido" da Amazonia a sobre-

vivencia da fauna ante-diluviana, não fez fantasia quanto ás alimarias brasilicas. Entre nossos poetas ha muito dinossaurio amedrontador.

E' inacreditavel o suplicio chinês dos criticos, que se arriscam ler, de fio a pavio, os livros dos nossos poetas. Não ha atenuações para o risco dessa paleontologia mortifera.

João Ribeiro, ás vezes, raramente já se vê, faz uma dessas ousadias incriveis.

Após ler as "Poesias" do poeta Carlos Magalhães, de sabor tão anacrónico, comentou apenas:

— E' deploravel coisa a velhice sem antiguidade!

MINARETES

Certamente essas aparições ante-diluvianas não podem ser agradaveis. Quando surge um "pterodáctilo" com os seus "Primeiros vôos", o terror é tal que João Ribeiro não tenta sequer encara-lo.

Ha titulos que confundem e aterrorizam o critico já experimentado na penitencia das leituras arduas como as "disciplinas" mortificantes do padre Nobrega.

O titulo é o indicio inicial, e, portanto, decide da sorte do livro. "Primeiros vôos", "Falenas", "Alvoradas", "Minaretes" etc. são cartazes terroristas.

Foi por isso que tendo o magnifico "conteur" Viriato Correia publicado um livro de contos com esse titulo "Minaretes", João Ribeiro nem teve animo de abri-lo. Devia ser horrivel.

— Positivamente (concluiu) Viriato não dá para poeta.

Acusaram meu pai de noticiar um livro de contos como se fosse de versos. Acusação falsa. Acusação bêsta. O unico responsavel foi o titulo arranjado pelo Viriato.

Nomen & Numen.

COISAS ANALOGAS

Ao anunciar numa das suas cronicas literarias do "Imparcial" alguns livros, en-

tão, aparecidos, João Ribeiro, entre outros, mencionou: "*Poesia da estrada*" de Afranio Peixoto.

Talvez erro de imprensa. Talvez não.

Um baiano, admirador fervoroso (os baianos, alias, são sempre fervorosos nas suas admirações) do notavel romancista chamou atenção para o engano.

— Não é "*Poesia da estrada*" o titulo do livro; é "*Poeira da estrada*".

— Poeira ou poesia, tudo afinal, vem ser a mesma coisa... desculpou-se o velho.

OS POETAS FUTURISTAS

João Ribeiro, como Graça Aranha, foi um dos insufladores da estetica modernista entre nós. Sempre achou razoabilissima essa revolução literaria.

— Porque (costumava comentar) porque se ha de admitir um anti-poetico? Tudo é poesia ou antes, nós é que a somos.

E observava sorrindo:

— O que noto em todos os poetas novos dessa revolução literaria, é que tomam um *tom humoristico*, involuntario. Parecem dizer: Vôces vão rir, mas eu rio antes de vocês...

NO JARDIM DE ACADEMO

Aqui não ha faias nem tilias frondejantes. A Academia perdeu a paisagem quieta das arvores verdes e dos lagos de aguas mansas e serenas. As perspectivas dos caminhos já não são mais debruadas pelo matiz suave das frondes. Nem se ouve, atravez da tranquillidade das horas de meditação, o pipilo alegre da passarada nas ramarias espessas.

O nosso jardim de Academo está metamorfoseado na reconstituição do "Petit Trianon" com que a França — concubina X de nossas letras — presenteou ao Brasil.

E não deixa de ter certa significação

esse presente francês. Os academicos poderiam ter gravado no pórtico de entrada esta verdade de Manuel Ugarte: "La França conquistó la America con sus libros".

Todos nós, latinos da America, nos amamentamos no ubere entumecente da literatura francesa.

Todos nós imitamos o que vem de Paris e tanto a França sabe disso, que nos galardoou com uma imitação: a copia do palacete de recreio de Maria Antonieta.

João Ribeiro é o selvagem do Petit-Trianon. E' um bisneto de Paraguassú metido numa côrte parisiense.

Ele proprio se considera inadaptado ao ambiente academico:

— Sinto-me, é verdade, muito mal nesse meio de que me repelem a minha melancolia crónica e certa dose de estupidez e ingênita selvageria.

CONCEITO

Certa vez um literato E. de G., candidato a uma das vagas na Academia, o

importunava pedindo para que se dignasse ouvir algumas passagens de um poema em varios cantos. João Ribeiro pretextou desculpas. Não podia ouvi-lo no momento.

— Mestre, essa é a minha obra prima. Eu sou candidato á Academia e quero o seu voto na certeza de que votará num poeta de mérito.

Afinal não se contendo, respondeu João Ribeiro ao importuno aedo:

— Meu amigo, se os literatos fossem lidos como se haviam de compor as academias?

DIA SANTO

Como se sabe os academicos se reúnem todas as quintas-feiras. Ora, acontece que sempre que a quinta-feira cai em dia santo ou feriado, é quasi sempre adiada a reunião.

Houve, certo ano, quem propuzesse

que a reunião fosse realizada na terça-feira, que, por acaso, era de Carnaval.

Meu pai votou contra e explicou:

— Eu não troco o Carnaval por uma sessão da Academia . . .

O LOURO ACADEMICO

Conversando com um academico recém-eleito disse-lhe João Ribeiro, que achava o fardão dos academicos supinamente ridículo.

E logo após, ao correr da conversa, aconselhou-o a mandar fazer o trajo oficial.

— Porem V. não acha ridiculo? disse L. F.

João Ribeiro:

— Acho. Mas tenho para mim que o ridiculo faz parte da gloria academica.

UMA RETIFICAÇÃO

Corre o boato e certo jornal já o repetiu, que o saudoso poeta paulista Ama-

deu Amaral tomou posse na Academia com o fardão de João Ribeiro.

Não é certo.

João Ribeiro não emprestou, nem poderia emprestar tal fardão, porque, na verdade, nunca o mandou fazer.

A SUCURSAL

Comentando-se o prestigio mundano das sessões publicas da Academia, nesses ultimos tempos, João Ribeiro afirmou:

— A Academia é uma das filiais do "High-life" carioca; tem ela apenas o defeito de conservar, por misericordia, alguns seres antiquados e inadaptaveis ao novo teor do cenaculo . . .

OS QUARENTA

Ha certos literatos que vivem como urubús farejando a carniça dos academicos

ainda vivos. Restringir a quarenta o numero de imortais parece a tais candidatos algo de opressivo e desolador.

— Se a França tem quarenta academicos (argumenta João Ribeiro) nós não podíamos aspirar a mais do que quatro...

Todavia, homem piedoso e de bôa fé, já sugeriu que se aumentasse de mais dez as cadeiras academicas, reservando algumas até para o belo sexo...

A UNICA VANTAGEM

O falecido poeta Mucio Teixeira vaticinou, certa vez, a proxima morte de João Ribeiro.

Este apenas comentou:

— A profecia é facil e não ha outra vantagem que a de uma vaga academica.

O AGOURO

Numa noite um atual academico, C. de S., veio pedir o voto a meu pai.

— Que? (perguntou) Ha vaga? algum academico morreu?

— Não, mestre. Mas vaga sempre aparece.

— Não vá me agourar, pois, se a vaga aparecer, o voto é seu...

O agouro provavelmente recaiu sobre quem não quiz ser explicito como meu pai.

O DICCIONARIO

Todos extranham a "non-chalance" com que João Ribeiro se refere ao Diccionario da Academia, do qual é, talvez, o mais competente elaborador.

E' certo que ele não nega a utilidade da grande obra:

— Muitos irão ao Diccionario (diz ele) para saber o que não sabem, outros lá irão para saber o que ninguem sabe.

E arremata:

— Os academicos, porem, como lord Chesterfield, não o consultarão; mas se sentarão em cima dele... grande destino dos grandes livros!

ma
ta.
tor
sua
du
des
ma
um
po
me
ce
de
en
do
pit
tur
esp
sec
sen

ser
MA
"R

X

AINDA NO JARDIM DE ACADEMO

"Em certo logar (conta Antonio Salles) chegando a hora habitual das sessões academicas Machado de Assis depois de algumas amabilidades aos que estavam presentes, dirigindo-se a João Ribeiro disse:

— Vamos, discípulo amado.

Esse qualificativo dava-o Machado por causa do nome de João, discípulo amado de Jesus. Mas João Ribeiro não entendeu a coisa assim, e num tom irritado, retorquiu:

— Eu não sou discípulo de ninguém".
A respeito desse relato do poeta An-

tonio Salles, João Ribeiro escreveu o seguinte comentario:

Esta anedota parece-me hoje inverossimil. Tenho dito tantas tolices, que envergonhariam ao mais tonto de todos os homens, mas nunca pratiquei ato de tão grande estupidez como aquele. O que me consola é o dito de Quincey de que é preciso ter algum talento para dizer uma asneira grande...

A REFORMA ORTOGRAFICA

João Ribeiro não é contra a reforma ortográfica. E' contra a sua oportunidade.

Acha que os gramaticos dão muita importancia a um assunto de importancia puramente relativa.

E costuma dizer sorrindo:

— Cada escritor não tem o direito de ter idéas diferentes? Porque, então, negar o direito de escrevel-as diferentemente?

Na verdade a tirania da uniformida-

de é uma tortura sovietica. Pode ser posta de lado.

Basta lembrar que quando ele votou contra o acordo intercontinental da Academia Brasileira com a Academia de Ciencias de Lisbôa, foi uma chuva de aplausos, por telegramas, cartas, vindos de todos os Estados do Brasil.

A imprensa, por sua vez, apoiando-o, pela voz da mais prestigiosa associação de classe, repudiou a adoção do acordo ortografico, que, como se vê, sem embargo do amparo oficial, já está no registo obituario da opinião publica.

A respeito da reforma portugêsa opinou:

— A neografia portugêsa é um romance de Julio Verne, gracioso, antecipador... mas é um romance.

RECLAME

A Academia faz algo por nosso teatro. Premia todos os anos um autor teatral com dois contos de reis.

Nem sempre, porem, anda com acerto.

Aqui vai um caso. O mais delicioso dos nossos teatrologos, Benjamin Lima enviou, certa ocasião, a sua peça "O homem que marcha" aquele templo para um desses jogos florais.

A Comissão relatora acertadamente o apontou para o premio.

Houve reboliço. Os atenienses agitam-se. Houve quem protestasse contra o premio. A bagunça verbal estourou. Os palradores de fardão verde como periquitos em milharal assanharam-se numa algazarra atordoante. Atenas mudava-se, de repente, em feira de Bagdad.

— E' imoral! E' imoral! clamaram bocas pudicas e piores do que pudicas, insensíveis ou alheias á arte subtil do esteta.

Do meio dessa algaravia de vozes, veio, afinal, a votação e com ela a derrota do esteta.

João Ribeiro apoiou a Comissão relatora.

Todavia, ao ouvir o resultado não conteve o riso nem estas palavras:

— Foi melhor assim! o autor não

poderia desejar maior reclame para a sua peça...

A BRIGA COM JOSE' VERISSIMO

Numa das suas tão agradáveis paginas de reminiscencias, conta o poeta Antonio Salles, que José Verissimo deixou de ir á Academia porque indispoz-se com João Ribeiro em virtude de certa e sensacional eleição.

Ora, isso não é verdade.

Muito antes da aludida eleição academica já João Ribeiro não se dava com o autor dos "Estudos de literatura brasileira".

A briga teve outra causa e assim na explica João Ribeiro:

"As minhas relações com José Verissimo interromperam-se em outra oportunidade, muito diferente, anterior e distante dessa, da eleição academica. Tenho ainda a carta em que José Verissimo se despede das minhas relações e foi escrita quando

apareceu a pequena "Historia da Literatura" que de mão comum escrevemos Silvio Romero e eu. Não me cabia suprimir o meu colaborador, que sabidamente não gostava de José Verissimo. Algumas frases intercaladas no livro (José Verissimo sabia bem que eu não as havia escrito) me foram atribuídas na corresponsabilidade da publicação. Aceitei a situação sem vexame e não respondi á carta".

Foi essa a causa verdadeira.

Mais tarde João Ribeiro conseguiu de Silvio Romero, em edição posterior, a supressão de conceitos que não cabiam num livro puramente didático.

Ficou Verissimo estomagado com a Academia por outra razão que não esta. Indignou-se na apuração dessa eleição por causa da revogação intempestiva, por telegrama, de votos já escritos em cartas e vindos do estrangeiro.

Era presidente, então, Ruy Barbosa.

O seu candidato não fôra eleito e nele votara também João Ribeiro.

O ELOGIO DO ADVERSARIO

Tendo alguém lhe perguntado o que era um inimigo literario respondeu:

— E' um homem que gostando das letras não gosta das nossas letras...

Perguntado ainda se não se amofinava com os desafôros e as descomposturas, que um ou outro literato lhe tem assacado, João Ribeiro sorriu, pois, sempre achou razoabilissimo na vida literaria adversarios desse jaez.

— A vida literaria (opina) é apenas um aspecto da mesma vida. Ora, onde ha vida, ha luta continua, ardua, difficil.

E costuma concluir com bonhomia:

— Se de alguma coisa necessitasse para confirmar a minha decadência, a prova estaria na falta que sinto dos inimigos que, outrora, me cercavam . . .

UMA INTRIGA JORNALISTICA

Um dos estribilhos que os zoilos de João Ribeiro costumam fazer "reprise" é a cretina acusação de que ele é um escritor imoral.

O proprio Carlos de Laet, carola de talento admiravel, quando viu que as suas satiras contra meu pai nenhum dano causavam á obra, resolveu acusa-lo de "escritor imoral". E Laet bem conhecia o caracter de meu pai.

Mais recentemente quando appareceu a "Floresta de exemplos" houve quem repetisse a mesma acusação.

Afinal de contas eu não sei de melhor elogio numa terra de moralistas de meia tigela . . .

A esse respeito conta João Ribeiro certa intriga jornalística referente ao seu escrito "Caso carnavalesco", que se acha incluído em as "Notas de um estudante".

Taes são as suas proprias palavras.

"Ha com este meu livro uma anedota jornalística de extranha vulgaridade.

As demonstrações que esses pequeninos estudos pareciam despertar por aí fora não appareceram razoaveis dentro da folha, em que saíram, a dois ou tres individuos que lá dentro se apostaram em me expellir da companhia.

Tiveram uma idéa. Taxaram de "imoral" um artigo meu que foi excluído e é agora reproduzido no livro sob o titulo "Caso carnavalesco", segundo as provas que conservo (do proprio jornal) para documentação da baixa intriga.

Verá o leitor curioso que a acusação, insolita e injusta, é literalmente inepta e idiota, e foi apenas indecente pretexto para a premeditada façanha.

Está claro que uma vez barrada a porta com esse "pixe" dei ganho de causa aos pixadores.

Afinal eu estava incomodando aquela
bôa gente; e aceitei o conselho de Renan:
Pecunia tua tecum sit. (1)

Infelizmente os nossos jornais ainda
estão cheios dessas cloacas pestilentas...

COISAS DO LAET

— Joaquim, você está com o "Forro-
bodó", perguntou-me, certa vez.

— Não. Nem nunca li livro algum
com esse título.

— Ora, o "Fabordão", o meu livro.

E contou-me, então, que Carlos de
Laet, com aquela causticante veia satirica,
apelidara, numa das suas crônicas de pole-
mica, o "Fabordão" de "Forrobodó". João
Ribeiro achou graça no apelido e aceitou-
o de bom grado.

As crônicas de Laet quanto á mate-
ria linguística são, por vezes, de uma in-

(1) Crônica literaria, O Imparcial 30-5-922.

genuidade de pasmar num filólogo. Deli-
ciosas, todavia, no aspecto satirico.

Meu pai apreciava muito as "vespas"
do Laet, mesmo contra a sua pessoa.

Apezar dos desafôros respingados nu-
ma longa polemica na imprensa João Ri-
beiro e Carlos de Laet acabaram em bôas
relações.

Aliás quem fez o necrologio de Laet
na Academia foi João Ribeiro.

Costuma meu pai, ás vezes, recordar
algumas anedotas relativas ao Laet. Aqui
vai uma delas.

Em vesperas de eleição para a Presi-
dencia da Academia, Carlos de Laet viu-
se alvejado por uma forte cabala contra a
sua reeleição, como era praxe. Percebendo
a derrota pediu imediatamente demissão da
Presidencia.

E disse, diante de alguns protestos
contra essa atitude:

— Eu sou macaco de circo. Finjo
de morto antes do tiro...

Eu podia ainda ajuntar outra do Laet,
que é inedita.

Era eu, no Colegio Pedro II aluno do
Laet.

Um dia ao chegar ao Collegio soube que o eminente jornalista fôra atropelado. Ora, o Laet era velhissimo e certamente (supuz) não resistiria ao choque. Alias, todos no Collegio esperavam a noticia lamentavel. Esta, porem, tardava, tardava... Combinei com alguns outros colegas gaze-tear e com eles fui passear em Paquetá, crente de que o Laet ia morrer naquele dia...

Aí, nessa ilha, encontrei o Alberto Faria, o folclorista, que ia tomar a barca para vir á Academia e ao me ver indagou como eu viera para Paquetá sem ser ferido.

Não vacilei e respondi:

— O Laet morreu.

O Alberto resolveu não embarcar. Não haveria sessão na Academia certamente. Mal sabia que ia perder o "jeton"...

No dia seguinte o Laet melhorava, e, não era passada ainda uma semana e ele já reiniciava as aulas.

Ora, o Alberto contou o caso ao Laet, e ele, numa tarde, me chamou:

— Você é o Joaquim Bras, filho do João?

— Sou, sim senhor.

— Então V. me matou?

Não pude responder. O velho mestre sorriu e me disse:

— Vou lhe dar um conselho; estude medicina. Ha de ser bom medico...

UM JULGAMENTO DE PLANO

Sem embargo de o haver acusado, pela imprensa, de "escritor imoral", Carlos de Laet conhecia bastante a tempera do character de meu pai.

Ha um caso, que diz, com felicidade, esse conceito, alias, justissimo.

Certa vez, meu pai, num dos exames do Collegio Pedro II, encontrou um estudante colando. Tomou a cola e para não prejudicar o pobre do rapaz, aconselhou-o a retirar-se pretextando doença.

— Você está nervoso. Requeira segunda chamada... foi o bom conselho.

Procurado logo após pelo pai desse estudante, narrou o fato e, por excesso de confiança, depositou nas mãos do pai a cola apanhada.

Ora, esse ancião, sem pejo e com a mais cinica semvergonhice, sabendo da polemica existente entre meu pai e o Laet, que era nesse tempo Diretor do Collegio Pedro II, e querendo explora-la numa infame intriga, veio se queixar a este, de que o João Ribeiro expulsara o seu filho da aula do exame por perseguição...

A resposta de Laet foi fulminante, decisiva:

— Isto é mentira. João Ribeiro está acima de qualquer suspeita...

XII

OS MISTERIOS DA ESFINGE

O homem mais intrigado na cidadela das letras é, sem duvida, João Ribeiro, o critico. Falam mal dele. Acusam-no de insincero. Dizem que ele não lê os livros criticados. Contam um rosario de mentiras e verdades.

Ele já de uma feita confessou:

— Eu sou um desses criticos de arribação...

Certo jornalista, Benedicto Mergulhão, arranjou para meu pai um método deveras curioso para julgamento dos livros que lhe são enviados; diz que os coloca em pé, se cáem é porque não prestam,

se, porem, se mantêm em equilibrio é porque são bons...

Isso todavia não passa de boato...

Outros o accusam de benévolo em demasia. Por amamentar as veleidades dos mais enfezados literatos, Povina Cavalcanti apelidou-o "Mãe Preta" da critica nacional.

Ainda ha os que o taxam de insincero, e, portanto de mentiroso, uma vez que a insinceridade é a mais suave das mentiras.

Ele proprio já disse:

— Eu confesso que sou um apostolo da mentira.

E justifica com franqueza de chim:

— O unico recurso que temos á mão contra a vulgaridade de todas as coisas é o da mentira, e ainda assim as proprias mentiras estão quasi todas inventadas...

O pior, porem, da critica de João Ribeiro está na ironia, que como uma poeira doirada empôa e enevôa as suas opiniões literarias. Nesse segredo de subtilezas misteriosas nenhum outro critico o supera. Ha quasi sempre nas suas paginas certas intenções que difficilmente encontram saga-

cidade para serem compreendidas ou antes, adivinhadas. E' ele o mais ironico dos nossos criticos. Ha sempre o que se ler nas entrelinhas de suas frases. Os seus juizos possuem, de regra, franjas difusas. E foi, sem duvida, acerca desse sentido algo nevoento de sua critica, que ele afirmou:

— Em tudo o que digo ha o que não digo.

E' esse o misterio da Esfinge.

AS CONTRADIÇÕES

Uma accusação comunissima feita a João Ribeiro é a que se relaciona ás suas inúmeras contradicções.

Ele não as nega e, ao contrario, como Bernardo Shaw lembra que se o homem de dez anos renova todas as celulas, porque razão não ha de renovar as idéas?

FRUTO INCONHO

A revista "Vida literaria" publicou um autógrafo inedito do romancista Graça

Aranha pelo qual se constata que esse esteta pretendia escrever de parceria com João Ribeiro, seu amigo e companheiro de idéas, um livro de estética.

Todavia se houve da parte do autor de "Canaan" essa intenção, jamais, contudo, ele a participou a João Ribeiro, que, como confessa, só veio ter conhecimento desse plano pela publicação postuma daquela revista.

Que seria esse fruto inconho?

AS MANSAS AMAZONAS

E' com simpatia que João Ribeiro olha as letras femininas.

Sobre a sua mēsa, no terremoto dos livros, ha sempre um exemplar de Ada Negri, Elliot, Staël, etc.

Não vê com máus olhos a intromissão das mulheres na literatura, tanto que na Academia quando se discutiu a preliminar concernente a esse ponto, ele votou pela entrada do belo sexo.

E disse a respeito:

— A literatura feminina não me desagrada. Creio mesmo que as mulheres quando a vida fôr mais intensa, serão os unicos homens de letras...

A UNICA COLABORADORA

Contou-me o joven escritor paulista Francisco de Assis Barbosa que más linguas andam por aí dizendo que eu ajudo meu pai no "Registro literario" do Jornal do Brasil. Isso, porem, é uma balela.

Eu jamais colaborei no que meu pai escreve. (1)

A minha irmã Vera Marta, hoje Mme. Nelson Feitosa é que tem sido algumas vezes, sua unica colaboradora.

(1) Por sua vez meu pae não colabora no que escrevo. Nem mesmo lê um manuscrito. Sei bem, todavia, que muita gente por aí diz que o que eu assino é feito por meu pai. Não podia, aliás, desejar elogio melhor para a minha magra literatura...

Poetisa, versada em historia, diplomada por uma das Faculdades da Universidade do Rio de Janeiro, Vera Marta tem sido, na verdade, uma constante auxiliar nas ultimas edições de suas historias didáticas.

Ela, na realidade, pela dedicação com que o tem auxiliado e pelo carinho com que tem trabalhado nesse afã intelectual, pode ser apontada como a *vera Marta* de nossa familia...

DIAGNOSTICO

Certa vez uma grafóloga disse de João Ribeiro:

— O senhor é o homem mais teimoso que conheço.

E ele concluiu:

— E' verdade. Tenho teimado bastante, mas sem resultado...

Todavia o seu espirito de contradição é uma rebeldia facilmente jugulavel...

XIII

A VINTE MIL LEGUAS
DE SARRAGALA

Pior que os literatos que escrevem, são os literatos que falam: os oradores.

Em certa ocasião eu e meu pai ficamos atravancados numa sessão solene em local impróprio para ser feita uma retirada estratégica.

Não era um orador apenas. Eram varios. Tivemos de ouvi-los todos. Praga de Belzebú!

Num dos rapidos intervalos, ele saiu-se com esta:

— O brasileiro só é breve nos telegramas; não por avareza de adjetivos, mas por economia de dinheiro...

DO TEMPO DA GUERRA

Quando o Brasil declarou guerra á Alemanha, por um tolo chauvinismo foi iniciada uma feroz campanha contra os pacíficos alemães residentes entre nós.

Certa vez quando a população foi apedrejar o edificio do Club Germania, na praia do Flamengo, meu pai comentou:

— Não ha maior cretinice que a de odiar gratuitamente o alemão...

DO MESMO TEMPO

Por esse tempo houve na Argentina uma forte campanha a favor desta nação aliar-se á Alemanha. Por essa epoca appareceu um panfleto "Nuestra guerra" de Pedro Cordoba incitando o povo vizinho contra nós.

Comentando esse panfleto disse João Ribeiro:

— Diz tanto mal do Brasil que parece escrito por brasileiro.

COISAS DE TEATRO

Muita gente ignora que João Ribeiro, talvez em má hora, tenha tentado o genero teatral.

Tentou-o deveras. Escreveu nos moldes da literatura antiga um "auto" em verso.

A acidez do genero não lhe agradou e creio que a ninguém. A arte vicentina dos "autos" não se diluiu no "mare magnum" do teatro moderno. Como as sextilhas de frei Antão ficará apenas para o desenfado dos Cuvier da literatura indigena.

Bem que precisava a nossa literatura teatral de um auto. Mas de um "auto de fé" inquisitorial...

Contudo, não foi essa a unica tentativa.

Muito antes, ainda adolescente, em Sergipe, João Ribeiro completou um dramalhão do qual só restavam dois atos.

E' ele quem nos conta num retalho das suas "memorias":

"Eu quando ainda muito joven, an-

tes dos meus vinte anos, fui incumbido por alguns admiradores (sempre os ha para toda gente e idade) de completar um drama que pertencera a um velho artista português, Couto da Rocha. Só havia a mão os dois primeiros atos e tive de escrever mais tres. Eu hoje daria quanto pudesse para ver aquela asnidade integral da minha pena".

Ainda bem, que não se trata de nenhuma perda irreparavel.

PREFACIOS...

Meu pai não gosta de escrever prefacios para ninguém.

Acha que é um precedente pernicioso. São raros os livros prefaciados por ele. Rarissimos.

Esse odio aos prefacios parece ter se originado do seguinte fato.

O escritor Ricardo Pinto pediu que

meu pai prefaciasse o livro "Em ceroulas", onde polulam alusões a inumeras pessoas de nossa sociedade.

Ora, meu pai recusou, em carta, prefaciá-lo justamente por conter o livro ferinas alusões a amigos da Academia...

Vai o trefego escritor e publica a carta de meu pai como prefacio...

A brincadeira não lhe agradou.

BERGANHA DE IDÉAS

Ha, no Brasil, alem do amigo de consultas gramaticais, outro tipo tambem curioso de importuno. Pelo menos cá por casa costuma aparecer "specimens" dele. E' o homem que vem "trocar idéas" com meu velho.

A's vezes sou eu que os atendo:

— Que é que o Sr. deseja?

— Eu desejo falar com o professor

João Ribeiro.

— O Sr. poderia dizer o assunto?

— Eu quero conhece-lo para trocar idéas.

Numa dessas vezes meu pai, que já estava cansado de tanta aperreação, retrucou:

— Veio trocar idéas? Ah! eu não faço dessas berganhas...

XIV

CANDIDATO

O meu eminente e prezadissimo amigo Edmundo Lins, Presidente do Supremo Tribunal Federal, contou-me certo caso que se deu com meu pai.

Havia ele se candidatado a concurso para um cargo tecnico de Educação em Minas. Escreveu tese, que foi elogiada por Orville Derby como a melhor das teses apresentadas.

Entretanto, o governo resolveu suprimir o concurso antes de realiza-lo.

Como ainda meu pai não embarcasse para Ouro Preto, apenas comentou:

— Felizmente o coice foi de longe! não me pegou.

A SILABADA

Atribuem ao meu pai a seguinte anedota. Ha engano porem. Não foi meu pai e sim Carlos de Laet o autor do satirico comentario.

E' o caso que, em certo discurso, um academico, homem alias de bôa cultura, porem mal informado em prosodia latina, citou a celebre frase da Eneida: "*Timeo danaus et dona ferentis*", pronunciando: *Ti-meo danáus*.

O Laet, que estava ao lado de D. Silverio, disse:

— Isso deve ser traduzido: Tenho medo dos danados...

ELEGANCIA ACADEMICA

Numa tarde, em conversa intima, comentava-se qual a figura da Academia que podia disputar a "pose" perfeita de um academico.

Meu pai vacilou:

— Eu não sei se é Gustavo Barroso ou se é o Fidelis...

O Fidelis é o mulato, porteiro da Academia.

O JUSTICEIRO

Contou-me o meu querido amigo Manoel Xavier Paes Barreto Filho, uma das mais salientes figuras da magistratura espirito-santense, que meu pai sempre foi um professor de bondade, por vezes excessiva...

E' o depoimento de um ex-aluno.

Disse-me ele que, um dia, o velho resolveu fazer em vez de sabatina escrita (tão facil da classe se livrar) sabatina oral...

Foi uma bomba.

Quasi todos não sabiam nada. E meu pai, com extranha severidade, deu zero a quasi todos. Poucos conseguiram notas razoaveis.

Na proxima aula os alunos, em procissão de lamentos, vieram pedir, a mudança daquela nota, tão destoante das notas precedentes.

O velho não pestanejou e disse:

— Em atenção ás notas precedentes vou colocar o algarismo 1 a esquerda do 0...

DISTINTIVO ACADEMICO

Quando a Academia exigiu dos academicos que não usam fardão o uso da comenda, meu pae disse:

— Eu prefiro o castigo da comenda ao castigo do fardão...

OUTRA ACADEMICA

Já diversas vezes meu pai tem sido eleito Presidente da Academia e sempre tem renunciado.

E' por isso que ele diz:

— Os academicos só me elegem porque sabem, de antemão, que eu renuncio. A minha eleição, afinal, serve para dar tempo de arregimentar as cabalas...

ma
ta.
tor
sua
dur
des
ma
um
poc
me
ce
de
enc
dos
pit
tur
esp
sec
ser

A
ser
MA
"R

A INFANCIA DE JOÃO RIBEIRO

Noutro dia eu levei o meu amigo D. Martins de Oliveira, jornalista e escritor, para entrevistar a minha avó paterna D. Guilhermina Rosa Ribeiro Fernandes, que vive, aqui, no Rio, com sua filha D. Neréa Sampaio.

Foi uma conversa deliciosa, pois, minha avó, sem embargo dos 94 anos de idade, é de uma vivacidade admirável. (1)

(1) Essa entrevista foi publicada, sob o título "A infancia do mais completo escritor brasileiro" em "O Jornal" — 28 de Janeiro de 1934. Transcrevo apenas as passagens mais ou menos anedóticas da entrevista.

E' o jornalista quem a retrata:

A sua cabeça está toda branquinha, mas a lucidez da intelligencia e da memoria dessa gentil nonagenaria são mesmo para impressionar.

Perfila-se no sofá sentada com serena attitude de um tronco amoroso coberto de ramos verdes.

Fala com segurança e habilidade, numa alegria expansiva e constante de risos para a nossa curiosidade, que é satisfeita a cada pergunta formulada sobre a vida infantil do seu filho mais dilecto.

D. Guilhermina Rosa Ribeiro Fernandes, porém, fala sem metáforas poeticas do nascimento do filho, mas sente-se que ela fala com orgulho.

Foi o segundo do casal.

O primogenito, morto aos 25 anos de idade, no Paraná, chamava-se Julio Cesar Ribeiro.

Genio alegre, brincalhão, tinha sempre um "a proposito" para fazer florir o sorriso nas rodas onde estivesse.

Dedicava-se á musica, á rabeca, emquanto João Ribeiro tocava flauta, e assim traziam a casa sempre em festa.

João Ribeiro tocou ainda piano e órgão, mas a vida intelectual foi absorvendo, cada vez mais, as suas actividades.

AS GULODICES

Quando menino, refere ainda dona Guilhermina, João Ribeiro era, como toda criança, guloso, disputando aos irmãos as laranjas e as mangas maiores.

Sua predileção, porem, era pela goiabada.

Certa vez, a familia recebera de presente uma caixa desse doce.

O pequeno João disputava uma caixa inteira.

O seu pai lh'a daria, sob a condição de devora-la de uma vez ou, ao contrario, levaria uma tunda.

"Os olhos maiores do que a barriga" enganaram o pirralho, que, em meio á glotonaria, viu-se sem forças para terminar a doce empresa.

E apesar da intervenção de dona Guilhermina, o guloso apanhou alguns bolos por cima.

Chorou muito, mas demonstrou tanta vergonha pelo feio ato, que fugiu da casa paterna para a dos avós, onde sua vontade era sempre satisfeita e jamais apanharia surras.

Passou a viver mesmo com o avó Joaquim José Ribeiro e só ia em casa a passeio.

Foi um menino muito caprichoso, declara d. Guilhermina.

ESTUDO, AMIZADES E BRIGAS

Indagamos de D. Guilhermina se o menino João era arteiro, se gostava de trepar às árvores e promovia muitas brigas com outros na rua.

A veneranda anciã sorri sempre e nos responde que João foi um menino exem-

plar e desde pequeno manifestava paixão pelos livros.

Chegava do collegio e metia-se no quarto para estudar.

Ao contrario do seu irmão Julio, que vivia subindo às árvores e praticava uma porção de peraltices, ele se distinguia por um comportamento elogiavel.

Tinha dois amigos inseparaveis: Botelho e Bragança, cujas amizades conservou por toda a vida.

O prof. João Ribeiro escreveu, ha pouco tempo, uma cronica recordando as suas relações com o Bragança.

Certa vez, porem, instigado por um comerciante portuguez, amigo das brigas de crianças, o menino João andou distribuindo tapas no seu amigo Botelho.

A PRIMEIRA NAMORADA

Na infancia e adolescencia, João Ribeiro não apreciava o belo sexo.

Detestava as visitas das amiguinhas de sua irmã Neréa, ás quais não permitia que entrassem no seu quarto.

A primeira namorada de João Ribeiro chamava-se America, filha de um photographo vizinho e amigo da familia.

Depois desta houve muitas, porque o joven passou a ser um namorador de primeira agua.

O MAL DE UM DISCURSO

João Ribeiro fez até o curso secundario em Laranjeiras.

Foi depois para Aracajú, onde iniciou a sua carreira no magisterio, ainda como estudante.

Na capital de Sergipe, foi certa vez solicitado a pronunciar um discurso a determinadas atrizes.

De volta, apanhou uns choviscos e adoeceu, sendo necessario regressar a Laranjeiras para tratar-se.

Até aqui D. Martins de Oliveira.
Que mal seria esse? mal de um discurso?

Tenho minhas duvidas.

UM POUCO DE GENEALOGIA

A entrevista de D. Martins de Oliveira nesse ponto é um pouco infiel.

O avô materno de meu pai era Joaquim José Ribeiro.

O pai deste chamava-se Maranduba e foi chefe politico do partido apelidado dos *camondongos*. (1)

Conta minha avó que a mulher do Maranduba era de genio tão belicoso, que no dia das eleições armava-se de cacete afim de impor a disciplina partidaria aos votantes.

(1) O Maranduba era bisavô materno e não avô paterno como diz Martins de Oliveira. Os avos paternos de João Ribeiro eram ambos portugueses, sendo o bisavô um judeu holandês, que raptara a mulher, com que viveu.

Essa bisavó de meu pai, a belicosa Maranduba, talvez explique, a extranha belicoidade, que de quando em quando, me guia a atitudes, profundamente em contraste com a minha pacatês habitual.

EM VEZ DE POSTFACIO

Este livro, talvez seja o unico apparecido entre nós no genero.

Embora na França sejam communissimos os livros desse jaez, aqui no Brasil não sei de livro algum nesse feitio.

Certamente os "9.000 dias com João Ribeiro" ha de ser um trote para os que esperavam uma biografia com datas e genealogias ou algum ensaio critico sobre a obra de meu querido Mestre e progenitor.

Não descubro, na verdade, razão para se desprezar essa parte anedotica e jovial, que revela, acima do poeta ou do prosador, o homem na sua plenitude psicologica.

Evitei desagradar este ou aquele contemporaneo de meu pai como retirei qualquer passagem que pudesse ferir susceptibilidades alheias.

O livro é por finalidade um livro alegre.

Somente espiritos envenenados por vêsga compreensão poderão criticar o sabor jovial deste livro que talvez seja muito mais significativo do que uma meticulosa biografia. Acho que justamente todos esses flagrantes revelam muito mais a alma e a personalidade do que toda uma serie de dados biográficos sem colorido individual. Mesmo a anedota apócrifa tem o seu valor. Reflete um comentario e um comentario que corre de boca em boca.

Tudo isso, define, antes de tudo, o homem.

ERRATA

Autorizo Mestre João Ribeiro a re-
tificar tudo que não estiver de acordo com
a verdade.

J. R.

ma
ta.
tor
sua
du
des
ma
um
poc
me
ce
de
end
dos
pit
tur
esp
sed
ser

ser
MA
"R

INDICE

Pags.

Em vez de prefacio 7

I

A entrevista	13
A sala do silencio	14
O pintor	15
O homem que falava diferente	16
Outras descobertas	17

II

São João	21
Canonização	22

Pags.

O bom heresiarca	31
A suave obsessão	31
A velhice de Jesus	32
Glosa	33
O Arcebispo negro	33
Epistolarmente	34
Indumentaria profana	34
Ainda a gravata	36
O unico tabú	37

III

Livros e mosaicos	43
As memorias	44
Milionario de talento	45
Editores	45
Pagamento	47
Um "Putois" crioulo	47

IV

Gramatiquices	53
Paradigma	55

Pags.

Entre doutores	57
Medicina gramatical	58

V

O colecionador de borboletas	61
O terror dos andaimes	63
Livros antigos	64

VI

O campeão da distração	69
As sabatinas	70
O ladrão da bengala	73
As botas	74

VII

O torrão natal	77
Um protesto historico	79
O caboclo voador	81
O compadre de S. Pedro	82

Pags.

VIII

Os livros de poesias	87
Estatística	88
Paleontologia poetica.	88
Minaretes	89
Coisas analogas	90
Os poetas futuristas	91

IX

No jardim de academo	95
Conceito	96
Dia santo	97
O louro academico	98
Uma retificação	98
A sucursal	99
Os quarenta	99
A unica vantagem	100
O agouro	100
O dicionario	101

Pags.

X

Ainda no jardim de academo	105
A reforma ortográfica	106
Reclame	107
A briga com José Verissimo	109

XI

O elogio do adversario	113
Uma intriga jornalística	114
Coisas do Laet	116
Um julgamento de plano	119

XII

Os misterios da esfinge	123
As contradições	125
Fruto inconho	125
As mansas amazonas	126
A unica colaboradora	127
Diagnostico	128

.Pags.

XIII

A vinte mil leguas de Sarragala	131
Do tempo da guerra	132
Do mesmo tempo	132
Coisas de teatro	133
Prefacios	134
Berganha de idéas	135

XIV

Candidato	139
A silabada	140
Elegancia academica	141
O justiceiro	141
Distintivo academico	142
Outra academica	143

XV

A infancia de João Ribeiro	147
As gulodices	149
Estudo, amizades e brigas	150

Pags.

A primeira namorada	151
O mal de um discurso	152
Um pouco de genealogia	153
Em vez de postfacio	155
Errata	157

Composto e impresso nas Off. Gr. de
O "LIVRO VERMELHO DOS TELE-
PHONES" — Rua Camerino, 89,
Telephone 4-1366

Edições

DA

Cia. Editora Record Ltd.

LITERATURA EXTRANGEIRA

- | | |
|---|--------|
| I — Xavier de Maistre — UMA VIAGEM A
RODA DO MEU QUARTO..... | 3\$000 |
| II — Honoré de Balzac — A MENINA DOS
OLHOS DE OURO | 3\$000 |
| III — Voltaire — CANDIDO OU O OPTIMISMO | 3\$000 |
| IV — Luiz Jacolliot — VIAGEM AOS PAIZES
MYSTERIOSOS | 3\$000 |
| V — Edmond About — O HOMEM DA ORE-
LHA CORTADA | |

LITERATURA NACIONAL

I ROMANCE E CONTOS

- | | |
|---|--------|
| I — Heitor Marçal — SINHA' DONA..... | 5\$000 |
| II — Barretto Filho — SOB O OLHAR MALI-
CIOSO DOS TROPICOS | 5\$000 |
| III — Eloy Pontes — O TENENTE INTERVEN-
TOR | 5\$000 |

II DIDATICA

- | | |
|--|---------|
| I — Ruy Barbosa — LIÇÕES DE COISAS | 15\$000 |
|--|---------|

III HISTORIA

- | | |
|---|--|
| I — Antonio Henriques Leal — HISTORIA DOS
JESUITAS (Apontamentos) — Annotada | |
|---|--|

IV LITERATURA

- | | |
|--|--|
| I — Joaquim Ribeiro — 9.000 DIAS COM JOÃO
RIBEIRO | |
|--|--|